

# A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III,

Domingo 26 de Outubro de 1856.

N. 9.

## A Pinheiro Caldas.

A cidade do Porto tem-nos mimoseado este anno com dous excellentes volumes de poesias.

O primeiro, e de que tivemos occasião de fallar já, é bem conhecido do publico, que ha prestado a devida homenagem a seu autor, saudando-o com bem merecidos elogios.

O segundo, menos conhecido, mas tão estimado, são as poesias de Antonio Pinheiro Caldas, que vieram mais de uma vez provar que no meio desta sociedade *eminente dourada*, ainda ha almas capazes de comprehender o bello e sublime — almas que sentem e que se inspiram entre esse mesmo tumulto da epocha, destinado a matar todos os instinctos generosos do coração humano.

Abra-se o livro do Sr. Caldas, corra-se linha por linha, pagina por pagina e ver-se-ha o verdadeiro desta asserção. Tudo nelle é grande e magestoso, seria difficil a escolha no meio de tantos primores — no meio desse jardim brilhante que o poeta adornou de tão bellas e encantadoras flôres.

Promptos sempre a saudar com enthusiasmo o apparecimento de livros taes, acceite o Sr. Caldas os sinceros tributos de admiração que as suas poesias nos inspiraram a duas mil leguas de terra natal.

Rio, 10 de Outubro de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

## LITTERATURA.

### Paginas Intimas.

IX.

ESTUDOS HISTORICOS

I.

VIRIATO.

X.

Por este tempo foi Servio Galba accusado em Roma. O Tribuno do povo, Lucio Scribonio Libo, apresentou-se no senado e publicamente disse

que o ex Pretor fôra a origem de tantas mortes e desgraças na Lusitania, e que era a elle que se devia essa guerra cruenta que ha tantos annos sacrificava o ouro e a gente dos Romanos. A traição de Galba predispunha os animos dos outros estados por um levantamento geral, era por isso que o senado, cioso da sua honra e da republica que representava, queria a todo custo dar um exemplo de moralidade que podesse destruir um tanto a desfavoravel impressão que assaltára esses animos ao saberem da conducta do ex Pretor. Em consequencia o mesmo Scribonio pedia que Galba fosse condemnado á morte. Este pedido foi reforçado pelo de Catão Censorino, a quem não faltavam os titulos precisos para reclamar do senado esta especie de satisfação ás gentes da Lusitania. Catão era um excellentor orador, a sua voz altiva e inponente, não obstante os annos terem-lhe diminuido uma grande parte do vigor, causou profunda impressão no seus ouvintes, que se convenceram por unanimidade que a morte pedida era justa e exiquivel. N'estas difficeis circumstancias convinha a Galba apparecer, assim o fez. Já dissemos que era dotado de uma eloquencia pouco commum. Nunca pois as suas palavras foram mais adornadas d'essas figuras de rethorica, d'essas *similis* inimitaveis, como d'esta vez. Nunca ellas tinham sido pronunciadas com mais energia e convicção, em fim Galba hia triumphar. Os seus dous filhos, benemeritos de patria, contribuiam bastante para que elle fosse escutado com relogiosa attenção, além d'isso Galba pretendeu provar que essa traição nascera das numerosas revelações de que os Lusitanos queriam assassinal-o. Como quer que seja o ex Pretor foi absolvido. Apiano attribue ao dinheiro a isempção de Galba, diz que as immensas riquezas que levára da Hespanha fizeram calar os mais exigentes. Este resultado desagradou bastante a Scribonio. Pesava-lhe a demasiada clemencia do senado, e tornando-o responsavel das consequencias d'ella, exigió que aos Lusitanos presioneiros na batalha em que se dera a traição, e que foram vendidos para a Gallia, se desse a liberdade, autorizando-os a tomarem de novo as suas terras. Era bem pouco para o muito que se devia esperar, mas infeliz

mente a corrupção em todos os tempos teve lugar.

### XI.

Viriato proseguia na inteira execução do seu juramento. Os embaraços que encontrava eram destruidos sob o peso da sua vontade de ferro, e com um só fito, com um unico pensamento elle procurava os Romanos. A victoria que alcançara ha pouco tempo affastara todos os inimigos das terras occupadas pela sua gente. A inacção não tinha lugar com elle, avançou sempre, e não encontrando em que saciar os seus desejos de vingança, subio pelo Tejo, invadiu a provincia de Toledo, e em cada lugar deixava vestigios indestructiveis da sua passagem. Esta provincia era extremamente afeiçoada aos Romanos, Viriato entendeu que ella devia ser considerada como inimigo, ei-lo assollando tudo!

As suas bandeiras tremularam livremente por toda a carpentania, os seus soldados entusiasmados com a presença do valente capitão, soltavam gritos de morte aos conquistadores, Viriato reconheceu o quanto imperavam n'elles esses sentimentos patrioticos que deviam formar de cada homem um gigante, e de cada companhia um exercito!...

Salve guerreiro illustrado em cem combates, salve denodado capitão, se o punhal cortou tuas azas, se a morte veio interromper o vôo que levavas em procura do *Capitolio*, na cupula do qual devia tremular o estandarte Lusitano, o teu nome chegou á posteridade, rodeado d'essa aureola brilhante de gloria, e a nação — Portugal todo repetil-o-ha com respeito profundo, e entusiasmatica admiração!.... Durante as excursões de Viriato não appareceu se quer uma lança em defeza dos Hespanhóes. Os Lusitanos continuavam na sua obra de devastação, forçosamente desculpavel se attender-mos aos precedentes d'ella. Um novo Pretor chegára á Hespanha. Cayo Plaucio vinha com as mesmas disposições hostis. Sciencie da conducta do heroe Lusitano, apressou-se em procural-o, e acompanhado de dez mil infantes, e mil e trezentos cavalloes se pôz em campo. Viriato tinha uma força bem diminuta para oppor á do inimigo. A maior parte d'ella proseguia nas suas excursões, e se não fosse a natural coragem e perserverança do capitão havia todas as probabilidades de uma completa derrota. Viriato tinha esse orgulho que acompanha sempre aquelles que tem convicção de que foram destinados a cumprir uma missão qualquer. Para um espirito mediocre as forças do Romano importariam a derrota, mas com o Lusitano era mui differente. Viriato chamou em seu auxilio os recursos do seu espirito tão fertil em expedientes decisivos. Plaucio ordenára o combate, aquelle que sabia d'ante-mão qual o resultado d'elle

fez uma retirada em boa ordem, mas empregou tanta presteza nos movimentos, que os Romanos não puderam perseguil-o. Plaucio destacou quatro mil dos seus soldados, e ordenou-lhes que seguissem os Lusitanos, até que elle se lhes podesse juntar. Assim o fizeram, as marchas foram tão forçadas que a horas de vespera acharam-se juntos á rectaguarda dos primeiros. Viriato fez alto, mandou desenrolar bandeiras, e em pouco tempo não existia um só dos quatro mil.

Senhores d'este resultado, diz Apiano, atravessaram o Tejo, introduzindo-se logo pelo interior da Lusitania.

Plaucio ficou attonito!

Testemunhava por seus proprios olhos que estes inimigos eram capazes de pôr cerco a Roma, e convenceu-se por fim de uma verdade amarga e pesada: que os Romanos tinham na Lusitania um rival poderoso e digno a todos os respeitos de figurar ao lado dos grandes heroes da soberba rainha do mundo!...

XAVIER PINTO.

(*Continua.*)

### Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

NOVAS.

(*Continuação.*)

Carlos chegou a casa com a morte no coração. As suas mais charas esperanças destruidas, o seu futuro de um homem que julga ter commetido um crime, tudo isto mergulhara o mancebo n'essa melancholia profunda difficil de dissiparse. Carlos accusava-se do rapto de Luiza. Dizia que com a sua presença Lourenço não ousaria tental-o, e ainda mesmo que o fizesse, que importava isso para um homem que ama e que vê roubarem-lhe o objecto amado? Fal'o-hia perseguir até o encontrar; proseguia Carlos, teria obstado a que sahisse d'estes lugares, entretanto que agora é tarde... vai longe já, e como advinha-o? Mathilde procurava consolal-o com essas expressões ternas e tocantes que sô em sahir dos labios da mulher, mas aquelle não a escutava, antes a repellia com modos bruscos. A joven que comprehendia a dôr de Carlos, apartava-se tristemente e hia para seu quarto derramando amargas lagrimas. Domingos continuava a estar ausente, ou por outra ignorava-se o fim que levará. A sua falta inspirava serios cuidados ao mancebo, porque o preto era inquestionavelmente o

único que podia consolal-o. Carlos resolveu-se a visitar o Dr. Rego. Sahiu pois de casa, e encaminhou-se para lá. Proximo a ella encontrou-se com seu tio. Bem vindo sejas! gritou Tristão com um contentamento difficil de descrever; graças a-Deos o filho prodigo voltou á casa paterna. E na sua effusão de prazer abraçou o sobrinho. Este acolheu-o com frieza. Que tens? perguntou o brasileiro. Nada, ou antes o que Vmc. nunca comprehenderá. Como? explica-te. Meu tio, disse Carlos com tristeza, ha certas cousas que se não podem dizer. O que tenho é bem pouco para despertar-lhe o sentimento, por isso de que serve confessal-o?...

Não sei decifrar enigmas, Carlos, o que me estás dizendo é mais que enigma—explica-te. Como passa o nosso doutor? perguntou Carlos para se subtrahir ás confidencias. Muito mal; o desapparecimento de sua filha foi um terrivel golpe para elle. A casa parece deshabitada, ainda para rematar esta serie de tragicos acontecimentos os dous Cardosos e Henrique abandonaram-no. Abandonaram-no?! Sim, a pretexto de hirem procurar Luiza; eu quiz acompanhal-os mas não m'o permitiram. E Domingos? Não sei delle. Que mudanças em tão poucos dias!... Até logo, meu tio. Espera, volto tambem contigo. O Dr. Rego continuava inconsolavel. Para elle, pobre pai desherdado do seu unico amor, o rapto de Luiza era o martyrio cruento que o deveria levar ao tumulo; para elle, pobre martyr de tantos annos, reservava-lhe Deos uma ultima e temivel prova, como se não bastassem aquellas por que passara; e para elle em fim o mundo não existia. Triste como essas arvores seculares que o vento despojou das suas ultimas folhas, elle caminhava a passos rapidos para o derradadeiro periodo da sua existencia tempestuosa. Nenhuma affeição intima para acompanhal-o, nenhum ente só que chorasse com elle! As lagrimas são o testemunho mais irrefragavel da dôr. Carlos chorou, e o longo abraço que deu no infeliz pai foi acompanhado de um desses suspiros intimos que exprimem mais que todas as palavras. Eu amo-a tanto!... disse Carlos ao ouvido do doutor. Este não pode responder, mas um olhar seu provou ao mancebo que elle advinhara esse amor. Houve entre estes dous homens um momento de silencio. Era para um o passado, para o outro o presente. No doutor havia uma recordação dolorosa, em Carlos a lembrança do que poderia ter no futuro.

O primeiro exprobrava a sua demasiada negligencia, o segundo tinha remorsos da sua. Em ambos os sentimentos, bem que diversos, tocavam-se e o resultado delles era em prejuizo de Tristão. Tudo se pôde remediar ainda, disse Carlos como resposta ao olhar do doutor. Oh! não respondeu este meneando tristemente a cabeça; é a deshonra... a deshonra!... Procurou-a sua filha? Não, mas a

opinião publica ha-de conspirar-se contra ella. A opinião publica ha-de condemnar o infame que a roubou!

Sabe quem é!... Diga... diga-me já. Lourenço de Castro! Oh! o filho do meu antigo condiscipulo!... Mas que mal tinha feito minha filha a esse homem? Porque Lourenço é um infame, porque Lourenço é um desses entes abjectos para os quaes não ha castigo bastante! Ah! que se o contro!... Mas como?... isto é insuportavel, ninguém que me esclareça!... Carlos não pode concluir, a um signal do doutor voltou-se e vio perto de si uma mulher que o olhava attentamente. Era a velha Martha. Que me quer senhora? Fallar-lhe a sós; venho de sua casa e Mathilde disse-me que o procurasse aqui. O Sr. Dr. pode escutar o que tiver a dizer-me; com elle não tenho segredos. E' impossivel, o que aqui me traz diz respeito a uma pessoa de quem desejará ter noticias... De Luiza? Talvez!... Falle pois, eis ali seu pai que tem mais direitos do que eu. Não os desconheço, mas ha cousas que nem a um pai se devem dizer. Pois bem, eu a acompanho até ao jardim, disse Carlos. E os dous sahiram.

(Continúa).

### Enlevos.

A conveniencia origina a amizade, não só entre parentes como entre desconhecidos; temos visto duas crianças, criadas juntas, quando crescidas querem-se extremosamente. Na idade do raciocinio esta estimação a identifica-se, ou desmerece, o raciocinio nem sempre é perfeito em todos, uns attendem á origem dos sujeitos, outros á fortuna, e outros as qualidades pessoas: os primeiros, e os segundos não divergem, colhem a sua opinião n'um valôr de dinheiro e familia, que tudo são para elles valores, e é só por estes lados que reconhecem o merecimento; o que mais tem mais vale, e seu reconhecimento anda sempre ligado a este principio; e porque não ha posição que não tenha outra mais abaixo.

O respeito que estes dão aos mais, o querem receber dos menos, desgraçadamente este é o geral do mundo; os que reconhecem como acima de tudo as qualidades pessoas, não querem nada, mas o que merecem lhes vem pela ordem immutavel da natureza, tambem aquilatam o merecimento pessoal, tambem encontram mais ou menos, mas é de tal modo conciliatoria esta differença, que nem os submete aos mais, nem os lança ao menos: são os representantes de Deos sobre a terra, são os mais felizes que dão as mãos aos seus, a chamal-os a si, e que lastimam a condição dos outros; mas estes são a excep-

ção! Quando o valor do ouro, e o valor meramente se encontram, chocam-se, se resentem, o primeiro quer abater o segundo, o segundo não quer abater ninguém, mas não quer ser abatido, ou se affastam, o primeiro desdenhando o segundo, e o segundo condoendo-se do primeiro, ou se batem. O primeiro faz do valor um círculo de ouro, que vai rapidamente apertando, o segundo ( são estas as suas armas e bem fortes ! ) o segundo declara com arrojo e franqueza o mal que recebe, mas estas armas são fracas, vê-se vencido, indignado com os homens, vira-se para Deos, Deos o recebe... e em vez de pedir a maldição para este, pede a misericórdia. Que notavel differença de homens; mas estes são a excepção! Uma só origem não garante a igualdade de sentimentos, de bons pais temos visto maus filhos e bons, e porque as primeiras doutrinas influem na natureza dos sujeitos de maus pais, raros são os filhos bons; a partir deste principio não é extra-natural que hajam tantos irmãos bons e maus e que estes manifestem as suas bondades e maldades. Se a amizade tem a sua origem na convivencia, irmãos que se apartarem d'irmãos meninos, não se estimam com aquella inclinação d'irmãos, quando crescidos se encontram. Está verdade infelizmente não acolhi de fora, veio-me de casa mesmo!... O homem não deve viver só para si; deve viver de accordo com a sociedade, em opposição a ella, não ha felicidade possível e se alguns tendo vivido n'esta opposição, a tem tido, devem temer a cada hora, porque a justificação desta verdade não falha. A paz tirada dos factos injustos, é uma desventura, porque acostuma, excita e depois nos perde, todos os factos vem se precipitando para o ultimo como as aguas da cascata, que branquejando, bramando rolam dos rochedos aos abyssos.

( *Continúa.* )

Outubro 20 de 1856.

J. J. BARBOSA DE CASTRO

### As contradicções.

NUMA PAGINA DO ALBUM DO SR. JOÃO DANTAS DE SOUSA.

*Tudo vai bem*: diz um rapaz estouvado sem experiencia, cujo coração está aberto a todas as impressões que em si trazem o sentimento do prazer; porque sua alma ainda não está alterada pelas traições, pelas injustiças, e pelos reveses ordinarios da fortuna.

*Tudo vai mal*: diz um velho azedo com o sentimento dos proprios males, e pela experiencia das desordens de toda a casta que reinam no mundo fisico, e no mundo moral, principalmente

porque, sendo elle um composto de contradicções heterogeneas e sempre encontradas, tambem é um theatro de desfeitas onde todos querem primar.

Entretanto o moço e o velho estão completamente enganados e ambos peccam; um por excesso de confiança, e o outro de misantropia. Inveja-se a sorte do primeiro, e chora-se a condição do segundo. E é desta contradicção que só a idade tem a culpa; ao passo que não devemos tambem acreditar nem no moço, nem no velho!...

Nunca o mundo esteve tão cheio de contradicções, como depois que o progresso lhe mostrou a luz para o ver-mos de todos os lados, como elle é; mas eu não gosto de generalidades que parecem declamações: é preciso descer a casos particulares e a retratos, cujos originaes se possam conhecer mui bem na sociedade.

A primeira cousa que nos toca, apenas lançamos a vista para o quadro do mundo, é a desigualdade das condições. O que vai, e o que vai digo eu ás vezes quando de perto contemplo as cousas! Uns rindo, que deviam chorar, outros chorando que deviam rir! É uma condição precaria, é uma farça burlesca, é uma torre de Babel.

Todo este philosophico escandalo se dissipa, apenas seriamente contempla a desigualdade das forças phisicas e a desproporção das faculdades intellectuaes, que a cada um dos individuos humanos deu a natureza. Com esta simples reflexão philosophico tranquillo. *Nihil admirari*: nada me admira. Esta foi sempre a humana condição que a alguns respeitos é immutavel. Isto é, se as luzes e o progresso não mandarem o contrario. Que estes se agitem, se movam e revolvam nos turbilhões da ambição, que aquelles se entreguem ás delicias ou antes pagodes de uma absoluta ociosidade, que uns tomem por officio a seria e continua occupação de andarem sempre com uma exacta distribuição dos dias da semana por bailes estrepitosos, que dá o senhor tal e a senhora qual, por partidas aparatosas, compostas de alto e malo, com os seus competentes atavios, e a francezados trejeitos; verdadeiros domicilios do insomnia e perfeitissima zanga!... sim! onde nunca se entende o que se diz! Alli não se dizem senão palavras irreflectidas, ócas e sem sentido; sem ordem e sem fim! Ninguém se cala, ninguém tem a vez, todos palram á imitação das *rans* e a ninguém se percebe! Mas, que hade ser, se isto mesmo é do progresso?!

Que outros gostem das loucuras da amizade com homens sensatos, e absoluta exclusão das vaidosas mulheres, que nunca por nunca estão caladas, porque as moças são quasi todas tôlas, e as velhas sem excepção todas insupportaveis.

Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1856.

O Padre Gama.

## POESIAS.

## Tentativas Poeticas

DE

F. *Gonçalves Braga.*

XXXVIII.

O CANTO DO SALTEADOR.

Tenho o sceptro, tenho a c'róa  
Na ponta d'este punhal,  
Não invejo aos Reis da terra  
Seu diadema real.

PALMEIRIM.

I.

« N'estas montanhas, aridas, desertas,  
Hei formado meu reino independente;  
Eu tenho n'uma rocha, um grande throno,  
E no agudo punhal—sceptro potente. »

« Tenho mais do que o Rei, fortès soldados  
Cujos braços as armas sustentando  
Se movem a qualquer dos meus desejos,  
Por amor só de mim, morrem matando. »

« Tenho amantes formosas, que me tornam  
Minha vida amorosa, e feiticeira.  
Cujos beijos e afugos me confortam  
Nas fadigas da vida aventureira. »

« Eu tenho n'um salão, na terra occulto,  
Preciosos metaes, e pedrarias  
De fazer, só de as vêr, aos Reis inveja,  
E trocarem por ellas soberanias. »

« Não invejo dos Reis faustosas galas,  
—Que brilhantes os cercam, a enganal-os;  
Sorrisos de mulher não lhes invejo,  
Que sorriem de mais p'ra atraçoal-os. »

« Os homens dizem que eu sou desprezado,  
E os Reis estimados, e poderosos:—  
Mas eu sou respeitado,—e o que são elles?  
Ludibrio dos enganos amorosos ! »

« Sou mais forte que os Reis, sempre enganados,  
Que vivem de chimericas grandezas:—  
Pela força das armas tenho ouro,  
Pela força do ouro, amor, bellezas. »

« Com amantes, riquezas, e bravura,  
Estimo, a fogo a vida,—affronto a morte,  
E résisto dos Reis á prepotencia:  
Qual cedro altivo aos aquilões do norte ! »

« N'estas montanhas, aridas, desertas,  
Hei formado meu reino independente;  
Eu tenho n'uma rocha, um grande throno,  
E no agudo punhal—sceptro potente. »

II.

Da vida que passa  
Nas serras altivas  
O salteador,  
Cantava aventuras,  
Fazia captivas,  
Captivas d'amor,

Dépois a trombeta  
Que á cinta trazia,  
Fazia soar;  
Então, dos bandidos  
Cercado se via  
P'ra n'elles mandar,

De vêl-os tão promptos,  
« Amigos, á lida ! »  
Contente dizia:—  
Lá iam por serras  
Passando tal vida  
De audaz valentia !

Assim anda alegre  
Com taes aventuras  
De guerra e amor,  
Vivendo com homens  
De más cataduras  
—O SALTEADOR.—

## Um adeus ás Laranjeiras.

Adeus!... adeus!... lindos prados  
Esmaltados de verdura....  
Um adeus eu vos consagro;  
Triste e cheio de amargura!....

Adeus!... adeus!... lindos bosques,  
E cordilheiras sem fim!  
Adeus páramos singelos  
Tão triste vos deixo assim!...

Alegres dias passei,  
Com vosco campos formosos,...  
Tão alegres tão felizes  
Tão dourados tão ditosos...

Hoje é o decimo oitavo  
Com elle vos vou deixar...  
Amargo pranto já sinto:  
Pela face a deslizar!...

Meu coração vai tão triste,  
Vai tão triste a palpitar,  
E meu peito vai saudoso,  
Por um anjo a suspirar...

Oh!.. que saudades que soffro  
E as que tenho de soffrer!...  
São tão negras, tão cruéis,  
Que me fazem enlouquecer!

Ai!... suspende oh Lyra minha..  
Dôres soffro mudo e quèdo!...  
Não quero que esse anjo lindo,  
Advinhe o meu segredo!.....

Laranjeiras, 21 de Agosto de 1856.

DIOCLECIANO DAVID CESAR PINTO.

### Egas Muniz.

(Conclusão.)

#### III.

Ha ruido desusado  
No campo do Leonez,  
Chega aos muros, admirado,  
O infante Portuguez,  
Vêas tendas, que se enrolam,

As bandeiras, que tremolam,  
Esvoaçando no ar;  
Ouve o rufo dos tambores,  
Dos guerreiros os clamores,  
Que vão o campo deixar.

Não acredita o infante  
No que elle acaba de ver,  
Um inimigo possante  
Deixal-o sem combater!...  
Debalde em torno procura  
Se alguém sabe por ventura,  
A causa de tal acção;  
Porque o Leonez fugia  
Ninguém dizel-o podia,  
Nem um só dos que ali são.

Aos pés do príncipe luzo  
Então Egas se lançou,  
C'os olhos baixos, confuso,  
O que fez, ali contou;  
Recua o infante, ouvindo  
Causas taes, e repellindo  
Para longe Egas Muniz,  
Diz irado: — » Não mantenho  
Contractos, que vem ferrenho  
Jugo impor-me na cerviz!...

«Já meu pai livre deixara  
Este povo Portuguez,  
E liberdade tão cara,  
Heide ir pôr della outra vez?  
A minha patria, tão bella  
Não se abaixa ante Castella,  
Nem reconhece rival;  
Se Leão quer p'ra vassallos  
Meus guerreiros, p'ra busca-los  
Volte, emborá a Portugal!...» —

—« D. Infante, o juramento,  
Que por vós fiz a Leão,  
Ainda cumpril-os intento,  
Sem vós soffrerdes lesão;  
Não ficará fementido

Um soldado, envelhecido  
Pela patria a combater...»—  
Egas disse, e altivo rosto  
De gravidade composto  
Lhe viram todos erguer.

## IV.

Vem chegando o torvo dia,  
Marcado na convenção,  
Em que o infante renderia  
Vassalagem a Leão;  
Já de Castella os caminhos,  
Com a esposa, c'os filhinhos,  
Toma o leal Portuguez;  
Vai resgatar com a vida,  
A palavra não cumprida,  
O juramento que fez.

Já pisa terra de Hespanha,  
A Toledo já chegou,  
Nunca admiração tamanha  
Outra acção assim causou...  
Corre a vel-o todo poyo,  
Que pasma de caso novo,  
Que ante os olhos ali tem,  
Vendo Egas com a esposa,  
Que dos pés carne mimosa  
Pelo chão rasgando vem.

As crianças innocentes,  
Que descalças ali vão,  
Laços de corda pendentos  
Lhe chegam do colo ao chão;  
Mas vem sós... se acompanhados  
Estivessem por soldados,  
O povo os fora livrar...  
Que lhe causa acerba pena  
O ver tão estranha scena  
Ante os olhos seus passar...

Já nos paços vão entrando,  
Muito povo os segue ali;  
Ante El-rei a joelhando,  
D. Egas fallou assim:  
—« Senhor rei, o Luzo Infante

Não quer o pato aviltante,  
Que por elle vos jurei;  
Vim solver com minha vida,  
Dos filhos, da esposa q'rida,  
A palavra que vos dei...»—

De Leão El-rei, irado  
Pelas causas, que escudou,  
Sobre Muniz desarmado  
Nua espada alevantou;  
D. Egas está perdido...  
Mas do rei enfurecido  
A espada cahiu no chão:  
E' que nunca supposera  
Que um homem obrar pudéra  
Uma tão sublime acção!

Perdoou... Toda a cidade  
Solta alegre brados mil,  
Vendo tanta lealdade  
Livre já da morte vil.  
Muniz volta á patria amada;  
Com lustrosa cavalgada,  
O Infante Portuguez  
A fronteira vem buscar-o,  
E não cessa de louval-o  
Pela nobre acção que fez.

Coimbra, Agosto de 1856.

EUGENIO A. DE B. RIBEIRO.

**Illusão.**

Illusão, minha querida,  
Illusão sempre na vida  
E' o mais que posso ter;  
N'estes cantos de ventura  
Só existe uma impostura...  
Por que mais não póde ser!!

Aj que nome promptamente  
Desce n'alma, sempre e sempre  
Um zunir divinizado!  
Eu que fico delirante  
Cuido em ti, ditosá amante,  
Encontrar... desventurado

E'um nome, como vejo  
Revelar qualquer desejo  
Desejo só e não mais;  
E' um dito sem sujeito  
E' um alivio do peito  
Mortificado com ais!...

Outubro 18 de 1856

J. J. BARBOSA DE CASTRO.

### Constantino!

REI DOS FLORISTAS.

Ergue a fronte altiva e nobre,  
Ergue a fronte, oh genio-rei!  
A ti, sim, a ti me curvo,  
A ti só me curvarei.  
Que m'importam reis da terra,  
Debatendo-se na guerra  
Das mais turbidas paixões?  
Podem outros dar-lhe cantos,  
Eu, por mim, maldigo quantos  
Rojam vis adulações.

O poeta nasceu livre  
Como é livre e immenso mar;  
Os cantos da minha lyra  
Não os sei mercadejar,  
A' sob'rana intelligencia  
A' sã virtude na essencia,  
Só meus cultos prestarei:  
Constantino! a ti meu brado,  
A ti meu canto enlevado,  
A ti, sim, oh genio-rei!

Rival de Deus sobre a terra,  
Quem te nega adoração,  
Quando a França te saudá  
—Novo rei da criação-?!  
Quando a Europa, d'espantada  
Curva a fronte laureada  
Ante o teu genio immortal?!  
Quando colhes d'entre os louros  
O mais rico dos thesouros:  
—Um triumpho a Portugal?!

Constantino! como é grande  
O teu genio creador,  
Quando vertes o perfume  
No calix da tua flôr?  
Quando imitas a belleza

Da risonha natureza  
Com teu magico pinceel!...  
Quem ao ver tão bellas flôres  
Não as crê proprios verdores  
Do mais nitido vergel?

No tapete de esmeralda  
Que alcatifa o teu jardim,  
Brinca meiga a branda aragem  
Embalando alvo jasmim;  
Fascinada a mariposa  
Lá doudeja em torno á rosa,  
N'elle poisa, mas em vão;  
Na seiva o goso procura,  
Não a encontra... e na tortura  
Morre, ali d'uma illusão!

Constantino! a ti me curvo  
A ti só me curvarei;  
És um astro luminoso  
És do mundo o genio rei!  
Quando a Europa os seus primores  
Variados de mil cores,  
Na Bretanha apresentou,  
Quiz a França disputar-nos  
Alta gloria;-quiz roubar-nos,  
O teu nome que assombrou....

Mas tú d'altivo bradaste:  
« Sou filho de Portugal!  
« Embora eu viva na França  
« E' minha terra natal, »  
Oh! bem haja o homem nobre  
Que ama ainda a patria pobre,  
Rica outr'ora tanta vez...  
Bem haja o filho valente  
Que da honra não desmente  
N'esta acção de Portuguez!

Constantino! yinga a patria  
Que foi grande entre as nações;  
Ennobrece-a, ennobrecendo  
Mais e mais os teus brasões:  
Genio raro! ergue-te ovante!  
O teu futuro é brilhante;  
Será teu nome immortal!  
Viverás na lusa historia,  
Qual lá vive inda a memoria  
Do nome de Portugal!

ANTONIO PINHEIRO CALDAS. (Extrahido).

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO  
Rua da Alfandega n. 210.